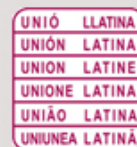


Direcção de Terminologia e Indústrias da Língua - DTIL



X SEMINÁRIO DE TRADUÇÃO
CIENTÍFICA E TÉCNICA EM LÍNGUA PORTUGUESA - 2007
Tradução e Multilinguismo
ACTAS do SEMINÁRIO



Apresentação União Latina | Programa | Outras comunicações | Lista de participantes

■ Uma alma para a Europa: a tradução e a cultura europeia

- **Peter Hanenberg - Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa e Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos (APEG)**

[cv]

A Europa é muito mais do que um continente e do que uma união económica. Se a história da União Europeia tem os seus inícios na CEE, na Comunidade Económica Europeia, foi, no entanto, a vontade de ultrapassar os conflitos seculares e de estabelecer uma paz duradoura que motivou todo o processo iniciado com os Tratados de Roma. Este processo revelou uma forte dinâmica a vários níveis, seja na economia, na tecnologia, nas infra-estruturas, na sociedade, no ensino e nas ciências - sem falar dos efeitos extra-europeus num mundo cada vez mais global. Este processo não teve, no entanto, e até agora, a devida fundamentação cultural. Talvez seja a falta desta fundamentação a razão para um certo Eurocepticismo e uma determinada não-identificação com o processo em si - um pouco por toda a parte (Já alguém disse que era o Eurocepticismo que unia os Europeus...). Foi numa conferência em Berlim, que o Presidente da Comissão Europeia colocou o lema de "Uma alma para a Europa" como desafio a vencer nos próximos anos. Mas o que é uma "alma para a Europa"? A Europa é um fenómeno complexo, diversificado, construído de múltiplas partes, diferenciada na união e unida na diferença. Neste sentido, propomo-nos apresentar a tradução como um veículo excelente na descoberta desta alma, na medida em que a tradução permite o entendimento entre línguas e culturas alheias, enquanto fortalece o alcance da língua e cultura de chegada. Este duplo aspecto dos efeitos sobre os Outros e sobre a própria cultura é que tornam a tradução numa das técnicas-chave para a consolidação da Europa.

Devo começar as minhas reflexões sobre a tradução e a cultura europeia, neste sentido, com uma confissão. Como professor da Disciplina "Teorias da tradução" cometi um pecado muito grave: li com os alunos do curso de Tradução o estimulante texto "Qu' est-ce qu'une traduction 'relevante?'" de Jacques Derrida - o pecado não é este, mas o facto de ter lido o texto numa tradução inglesa. [1] Mas que mau exemplo é que dá um professor do curso de tradução, recorrendo a um texto teórico nem na sua versão original (em Francês) nem na sua tradução portuguesa.

Todo o nosso problema em relação à tradução e a cultura europeia está neste pequeno exemplo - e a sua solução também, como vamos ver mais tarde. Em primeiro lugar tenho de explicar porque é que não li o texto na sua versão original. A resposta é simples: o conhecimento linguístico dos alunos - e diga-se de passagem - do professor em relação à língua francesa eram e são francamente insuficientes para ler e entender devidamente um texto tão filosófico e tão carregado de alusões, saberes e símbolos culturais. Talvez seja uma das circunstâncias assinaláveis na Europa em que vivemos que os conhecimentos linguísticos cada vez menos se estendem para o Francês, a língua que acompanhou as elites culturais em Portugal nos últimos 300 anos.

Por isso, não foi, portanto, possível ler o estimulante texto "Qu' est-ce qu'une traduction 'relevante?'" de Jacques Derrida no original. Mas porque é que não recorremos ao menos à tradução em português? Aqui, a resposta ainda é mais fácil do que no caso do Francês: não existe uma tradução do texto em português. E este facto

Apoios
Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas - Ministério da Cultura
Representação da Comissão Europeia em Portugal
Instituto Camões
Instituto Franco-Português
Instituto Cervantes
Instituto Cultural Romeno
Goethe-Institut Portugal

talvez ainda seja mais grave do que a incompetência linguística em relação ao Francês. Não havendo uma tradução de um determinado texto numa determinada língua, tudo o que o texto representa representa-se como um vazio nesta língua. Com outras palavras (e quem conhece o texto de Derrida sabe que estou, neste momento e com outras palavras a citar este mesmo texto e simultaneamente o famoso título de um *course book* sobre tradução de Mona Baker):[2] a língua, neste caso o português, está a perder terreno, espaço, tudo o que em Inglês se chama "domain" e o que numa tradução muito feliz em português se pode chamar "domínio". Esta é a questão central para a qual só a tradução é o remédio possível: a perca acelerada de domínios nas línguas todas, que não sejam o Inglês. Vamos ver dois exemplos: até há muito pouco tempo em todo o domínio da diplomacia e da política internacional se utilizava o Francês, hoje quase completamente substituído pelo Inglês. Ou ainda a língua alemã como uma língua das ciências e da investigação. Hoje em dia, cada vez mais universidades na Alemanha (e não só) oferecem cursos em Inglês, os investigadores publicam os seus resultados em Inglês, a língua franca nos laboratórios é o Inglês e o velho *Antragsformular* foi substituído pela *application form* - e enquanto estou a dar o exemplo da Alemanha, os Exmos. leitores estão a pensar na prática idêntica em Portugal e junto da FCT. (Entre parênteses uma segunda confissão: Como Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos tenho de ter uma atitude bastante pragmática em relação a questão: pela primeira vez vamos ter conferências em Inglês no nosso próximo congresso internacional.) Do outro lado: a décima quinta edição do Prémio de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da União Latina é um excelente exemplo para as medidas que podem ser tomadas para reforçar domínios em perigo.

A perca de domínios é a morte anunciada de uma língua. Fazemos a prova ao contrário: porque é que o Alemão da Suíça é um dialecto e não é uma língua como o Alemão dos Países-Baixos? O Alemão da Suíça é meramente um dialecto porque não é uma língua no seu uso pleno - como é o caso do Neerlandês. O uso pleno de uma língua significa a sua utilização em domínios vários, no dia-a-dia como na poesia, nas ciências como na publicidade, nos cultos como nos media, na escola como na cozinha, entre amantes como na administração pública. Línguas podem crescer e ocupar novos domínios - como aconteceu, por exemplo, a todas as línguas europeias em relação ao culto religioso - tendo, assim, originado a perca quase total dos domínios da língua latina que, por isso mesmo, chamamos de uma língua morta. Línguas podem crescer e podem morrer. Só há um remédio que pode evitar o colapso final: este remédio, repito, é a tradução.

A tradução garante que se possa falar sobre determinados assuntos numa determinada língua. Este é desde sempre o balancete enriquecedor da tradução: por um lado é inovadora, por outro é conservadora. A tradução é inovadora na medida em que traz para uma língua assuntos e maneiras de dizer até agora inéditos, inauditos ou mesmos *inditos*. E a tradução é conservadora na medida em que faz a inovação dentro do sistema em vigor, procurando manter o mesmo a funcionar e a crescer. As vezes, quando as críticas são muitas, porque as traduções são poucas, os críticos dizem: "Não se diz assim, em português" - e em boa defesa do tradutor e dos princípios da tradução apetecia-me muitas vezes responder: "Ah, não se diz, mas passa-se a dizer!"

Talvez seja útil documentar o que acabei de expor mais uma vez recorrendo ao estimulante texto "Qu' est-ce qu'une traduction 'relevante'?" de Jacques Derrida. Derrida trata, neste texto, de um problema na tradução de um verso de Shakespeare, portanto de um texto cuja língua original é o Inglês, língua essa também da tradução do texto de Derrida que utilizámos. Para formular essa complexa situação, repito: trata-se da reflexão de um problema de tradução do Inglês para o Francês, reflexão essa que recebemos, por sua vez, em Inglês, tradução essa também que nos permite reflectir sobre o problema na nossa língua, quer dizer em português ou melhor ainda, que para alguns é o português, para outro o Alemão (e para uma aluna de Erasmus, presente nas aulas de Teorias da Tradução, o Italiano). Insisto: o problema de tradução de Inglês para Francês não desaparece no momento em que a sua reflexão passa a ser feita em Inglês (ou Português, ou Alemão, ou Italiano). Pelo contrário, o problema potencializa-se na medida em que é recebido pelo filtro de mais do que uma língua.

O verso em questão, do drama "The Merchant of Venice", diz respeito a um momento central no conflito entre Shylock e Antonio quando Portia tenta convencer o judeu que

não pode - na realidade - levar o contrato com Antonio "à letra". O contrato dizia que Antonio pagava a sua dívida perante Shylock ou em dinheiro ou com "a pound of flesh", uma peça de carne tirada junto do coração de Antonio. Uma vez que Antonio não pode pagar, Shylock exige a contra-partida estabelecida, pelo que Portia tenta explicar que não se pode levar "à letra" as palavras do contrato. Se Shylock tem o direito e o poder de tirar uma peça de carne do corpo de Antonio, ele não deve utilizar este direito por uma razão superior a este direito, estabelecida pela própria acção divina:

It is enthroned in the hearts of kings,
It is an attribute to God himself;
And earthly power doth then show likest God's
When mercy seasons justice.

Não vamos, agora, poder explorar todos os momentos relevantes para a teoria de tradução neste belíssimo caso de Shakespeare (por exemplo na questão de levar "à letra" ou não o que está prescrito), mas vamos só insistir nesta palavra que provoca uma especial dificuldade na tradução: "When mercy *seasons* justice", quando o perdão faz qualquer coisa com a justiça. A proposta que Derrida encontra para a tradução da palavra "to season" não é - como em traduções - anteriores "tempere": "quand le pardon tempère la justice", mas é - surpreendentemente - a palavra "relever": "quand le pardon relève la justice".

Derrida dá conta, na "justificação" que apresenta a seguir, que já uma vez tinha utilizado a palavra "relever" para um outro caso complexo de tradução, desta vez não do Inglês para o Francês, mas do Alemão para o Francês. Neste caso, a palavra de origem tinha sido "aufheben", uma palavra-chave da filosofia hegeliana, que significa simultaneamente três ideias: aufheben é "levantar", "anular" e "guardar/preservar", portanto uma acção que é simultaneamente conservadora, transformadora e sublime.

Com essas reflexões, Derrida oferece-nos uma linha de pensamentos, que engloba três palavras de três línguas: "to season", "relever" e "aufheben", e essas três palavras têm três ideias em comum: "levantar", "anular" e "guardar/preservar". O verso de Shakespeare tem, portanto, um triplo sentido: quando o perdão levanta a justiça, quando o perdão anula a justiça e quando o perdão guarda/preserva a justiça.

Derrida oferece com este exemplo também uma definição de tradução no sentido destas três ideias das palavras "to season", "relever" e "aufheben". Tradução é um acto de levantar (para uma nova língua), de anular (a incompreensão do texto original) e de "guardar/preservar" (o seu significado). É por isso, que a palavra "relevante" no estimulante texto "Qu' est-ce qu'une traduction 'relevante?'" de Jacques Derrida não significa relevância, mas, sim, o acto "to season", "de relever" e "aufzuheben". As palavras "relevant" em Inglês e "relever" em Francês tem origens comuns, mas a complexidade de "relever" não se esgota na "relevância" arbitrariamente atribuível.

Devo confessar - a terceira confissão - que, desde que li o estimulante texto "Qu' est-ce qu'une traduction 'relevante?'" de Jacques Derrida em Inglês, nunca mais pude esquecer a íntima relação entre estas palavras: "relevant" e "relever", "to season", "aufheben", levantar, anular e guardar/preservar. A intimidade destas palavras numa teia complexa de ideias, definições, liberdades e experiências representa toda a riqueza cultural da Europa.

A descoberta desta teia complexa de ideias é fruto do processo de tradução sem o qual não havia (consciência) da riqueza cultural da Europa. Por isso, a tradução é um dos meios centrais também para a descoberta da Europa. Voltando à questão do Inglês nesta Europa, devemos reconhecer o seguinte: foi e é a tradução francesa do texto inglês que originou toda a nossa descoberta, mas foi e é a tradução inglesa do texto francês que permitiu a reflexão sobre esta descoberta num contexto de um encontro multilinguístico como era o seminário de Teorias da Tradução dado por um alemão em Portugal perante alunos de vários países. Mediante uma política que estabelece, por despacho do Ministério da Educação Nº 12591 de 2006, o "Programa de Generalização do Ensino do Inglês" em Portugal, é justo dizer o seguinte: estabelecem-se, assim, condições para uma comunicação ao nível internacional, mas não se estabelecem

condições para o enriquecimento cultural. O enriquecimento cultural necessita do processo de tradução como meio de enraizar a diversidade de experiências e expressões. Repito: Para entender o texto de Derrida não basta saber Francês, nem Inglês. É necessário saber mais que uma língua. A cultura e a filosofia europeias não são e nunca foram monolíngues. Por definição precisam da tradução.

Por isso, uma verdadeira política cultural passa por uma política de tradução. Neste sentido, Portugal tem feito esforços e progressos significativos, na medida em que foi alargando o número e os domínios da tradução. Enquanto o *Index translatorium* indica menos do que 200 traduções por ano na década de setenta, o número hoje situa-se entre os 1500 e os 2000. E não só o número mudou, também os processos e a "fiabilidade" das traduções mudaram. Há poucas décadas atrás, por exemplo, traduções do Alemão frequentemente foram feitas através do Francês que funcionava - aliás como em muitas situações - como língua de contacto ou língua de ponte. Hoje em dia as traduções do Alemão são feitas directamente do texto original, servindo, até, o próprio Alemão em alguns casos como língua de ponte para a tradução de outras línguas como o checo e o polaco.

Se olharmos para a estatística, a tradução para o Português e em Portugal apresenta-se como um caso interessante. Em termos de língua de chegada, o Português fica em sétimo lugar das línguas traduzidas (e reportadas no *Index Translatorium*) em todo o mundo, o Espanhol em segundo. Mas este número se revela quase provocatória, quando se verifica o ranking dos países; mais uma vez a Espanha aparece em segundo lugar, mas Portugal só aparece na vigésima quarta posição, muito depois do Brasil que fica no décimo lugar. Está aqui um dos desafios muito concretos de uma política de tradução e da cultura europeia. Sem nenhuma intenção de provocar, quer-me parecer que, mais uma vez, parte do problema europeu pode e deve ser resolvido além-mar. Se é verdade que o Português é considerado pelas instituições europeias como uma das chamadas "línguas pequenas" (como, por exemplo, o dinamarquês, o checo e o húngaro), também é verdade que o Português falado em Portugal, no Brasil, em Angola, Moçambique e Timor com cerca de 150 milhões de falantes se encontra entre as dez línguas mais faladas no mundo. Parece-me que este número é um potencial para a tradução que ainda não foi devidamente explorado: em defesa da variedade e da qualidade dos domínios de relevância em Português.

O multilinguismo é um dos lemas da União Europeia e a pluralidade de línguas é o espelho visível da variedade cultural que caracteriza o espaço europeu. Muitos são os esforços de cultivar e garantir este multilinguismo, seja em termos de *curricula* escolares, seja através de programas de mobilidade, como o Erasmus ou o Leonardo da Vinci. Sabemos que, neste momento e apesar disto, existe uma verdadeira crise das línguas estrangeiras em Portugal. Basta dizer que nas escolas públicas em Portugal há um número decrescente de alunos de Francês, mas ainda superior a 350.000 enquanto o número de alunos de Alemão não chega a 8000. Um verdadeiro sucesso do multilinguismo não é, de certeza, como também não é a redução das línguas ensinadas nas escolas públicas a quatro.

Malgré tout, não deixo de acreditar que a força e as vantagens da pluralidade cultural irão vencer o comodismo e vão convencer o ilustre público (e com outro público não devemos contar) de uma riqueza de saberes, sabores, e experiências para os quais as palavras de uma única língua nunca são suficientes. A tradução é o meio em que estes saberes, sabores e experiências se tornam nossos. A tradução faz qualquer coisa connosco: *When translation seasons culture*. No seu famoso livro sobre a Conquista da América, Tzvetan Todorov refere "uma característica da civilização ocidental, que durante muito tempo se considerou simplesmente uma característica do homem, e o seu desenvolvimento nos ocidentais era prova da superioridade natural destes. Isto é, paradoxalmente, a capacidade que possuem os europeus de compreender os outros."^[3] Esta capacidade é um dos motores constantes da história europeia e um dos impulsos fortes na europeização da terra - com todos os seus lados também sombrios, escuros e obscuros. Esta capacidade de compreender os outros se tornou o *leitmotiv* da cultura europeia em que - passado o furor do colonialismo e do terror, e voltando a citar Todorov - "queremos a igualdade, sem que isso signifique identidade, mas ao mesmo tempo queremos a diferença, sem que ela degenerem em superioridade/inferioridade".^[4] Esta consciência da diferença acompanhada pela vontade de compreensão é talvez um dos valores mais altos da humanidade, adquirido em guerras e enganos, por lutas, sangue e morte. A experiência da diferença exprime-se na diversidade linguística e a vontade de compreensão também. Todorov

conta, que esta diversidade linguística pura e simplesmente não existia para Cristóvão Colombo que, por isso, nunca chegou a entender os homens que encontrou além-mar. "A coisa", escreve Todorov, "é tanto mais estranha porquanto o próprio Colombo é poliglota e, ao mesmo tempo, não possui uma língua materna: fala igualmente bem (ou igualmente mal) o genovês, o latim, o português e o espanhol"; [5] por isso mesmo, Colombo fica sem saber onde está, não compreende o que descobriu e ainda menos "a volta" que esta "descoberta" ia dar ao mundo. Por isso mesmo, Colombo é um mau exemplo para tradutores.

Tradutores não querem descobrir o mundo; o mundo já foi descoberto no texto de partida. Mas tradutores também não querem confirmar o que todos julgam já saber: querem "relevar" o que alguém disse no seu pleno direito de o dizer em outras palavras.

Se Colombo está no arranque da história da expansão europeia, nós não queremos a ignorância de quem não reconhece a diversidade linguística. Queremos ter uma língua materna e tradutores que nos ajudem a acolher o mundo.

Talvez Portugal esteja na feliz situação que a sua língua nacional acolheu o mundo de um canto para o outro. Porventura foi por isso, que um escritor alemão do século passado recomendou o país sob o título "Europa und die Seele Portugals", [6] "A Europa e a alma de Portugal". São as características específicas da "alma portuguesa" e nomeadamente a "Saudade" que atraíram Reinhold Schneider, na sua busca de ultrapassar o vazio cultural que uma Modernidade cega trouxera para a Alemanha durante e depois do Terceiro Reich. A palavra Saudade diz-se ser intraduzível. Mas não é a Saudade pura e simplesmente sinónimo da tradução ainda não realizada? Nunca lá chegaremos ou já cá estamos? Relevante é o que ainda não sei. To season, relever, aufheben, ingredientes suficientes para um processo aliciante: no momento, em que assumimos a tradução como "relevante" no sentido de Derrida, a pluralidade cultural ganha uma verdadeira dimensão identificadora que se pode - um dia remoto no futuro - chamar a alma da Europa.

[1] Jacques Derrida: What is a "relevant" translation? Translated by Lawrence Venuti. In: Lawrence Venuti (ed.): *The Translation Studies Reader*. Second Edition. London, New York: Routledge 2004, p. 423-446 (Original: "Qu'est-ce qu'une traduction 'relevante'? In: *Quinzièmes Assises de la Traduction Littéraire (Arles 1998)*, Arles: Acted Sud, pp. 21-48).



[2] Mona Baker: *In Other Words. A Coursebook on Translation*. London, New York: Routledge 1992.



[3] Tzvetan Todorov: *A Conquista da América. A Questão do Outro*. Lisboa: Litoral Edições 1990, p. 300 (Original: *La Conquête de l'Amérique - La Question de l'Autre*. Paris: Editions du Seuil 1982).



[4] *Ibidem*, p. 302.



[5] *Ibidem*, p. 42.



[6] Reinhold Schneider: Europa und die Seele Portugals. In: R.Sch.: *Portugal. Ein Reisetagebuch*. Frankfurt/M.: Suhrkamp 1984, S. 219-234 (Original 1957).





Peter Hanenberg estudou nas Universidades de Tübingen e Bamberg, Alemanha, onde obteve o grau de Doutor em Literatura Alemã, posteriormente reconhecido pela Universidade de Coimbra. Foi assistente no Instituto de Literatura Alemã Moderna da Universidade de Bamberg, entre 1988 e 1995, e, entre 1995 e 2006, coordenador da Área de Estudos Alemães da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa bem como, entre 1998 e 2006, Professor Bibliotecário da Biblioteca D. José Pedro da Silva em Viseu. Actualmente é Professor Associado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e Coordenador de uma linha de investigação no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC, UCP, Lisboa) sob o título *Translating Europe Across the Ages*. Desde Abril de 2006 é Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos.

Publicou livros sobre os autores contemporâneos Wolfgang Hildesheimer (1989) e Peter Weiss (1993) bem como sobre a ideia de Europa e a sua representação literária (2004), coordenou (juntamente com Marília dos Santos Lopes e Ulrich Knefelkamp) um volume sob o título "Portugal e a Alemanha a caminho para a Europa" (1995) e editou, mais recentemente, um caderno (juntamente com Ana Margarida Abrantes) sobre "Cognição, Linguagem e Literatura. Contributos para uma Poética Cognitiva" (2005). Além de artigos sobre a literatura e a cultura alemã desde o século XVI, publicou ainda traduções de autores portugueses como Aquilino Ribeiro e Vasco Graça Moura.



X Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa 2007
"Tradução e Multilinguismo"

Fundação para a Ciência e a Tecnologia - União Latina
Editora: União Latina - ISBN: 978-972-99976-3-1
2008

União Latina
Direcção Terminologia e Indústrias da Língua - DTIL
131, rue du Bac - F-75007 Paris
T: (33) 1 45 49 60 62 / F: (33) 1 45 49 67 39
dtil@unilat.org